

Artigo Original

## Formação acadêmica em Educação Física e intervenção profissional em Academias de Ginástica

Fernanda Rossi <sup>1</sup>

Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger <sup>1 2</sup>

<sup>1</sup> NEPEF - Pós Graduação do IB/UNESP Rio Claro, SP, Brasil

<sup>2</sup> Departamento de Educação Física da UNESP Bauru, SP, Brasil

**Resumo:** O objetivo dessa pesquisa consistiu em analisar como profissionais de Educação Física de uma academia de ginástica avaliam sua formação acadêmica e, conseqüentemente, a atuação profissional. Buscou-se evidenciar porque professores licenciados estão atuando na academia e não na escola. Realizou-se revisão bibliográfica referente: mercado de trabalho; licenciatura/bacharelado; currículo. Coletaram-se depoimentos de doze profissionais (seis licenciados e seis bacharéis). Constatou-se que os profissionais desconsideram as habilitações para atuação no mercado de trabalho e concebem sua formação inicial como inadequada para atuação na academia. Identificaram-se profissionais que pretendem seguir carreira docente por reconhecer na escola a possibilidade de estabilidade profissional e segurança financeira e, ainda, como uma alternativa de trabalho devido à carreira curta que a academia oferece. Constata-se a necessidade de mudanças relacionadas à formação acadêmica e atuação profissional em Educação Física, especialmente quanto à identidade de cada habilitação e sua articulação com os campos de atuação profissional.

**Palavras-chave:** Educação Física. Formação Profissional Inicial. Currículo. Mercado de Trabalho. Fontes Oraís.

### *Academic formation in Physical Education and professional intervention at the Gym*

**Abstract:** The aim of this research was to analyze how Physical Education professionals at a gym assess their academic formation and, consequently, their professional performance. We tried to evidence why licensed teachers are working at gyms and not at school. A bibliographical review was carried out regarding the market; license/ bachelor degree and curriculum. Testimonies from twelve professionals (six licensed teachers and six bachelors) were collected. It was verified that the professionals did not consider the habilitations for professional performance and consider their first formation as inadequate to work at the gym. Professionals who intend to follow an academic career because they consider the school as a possibility of professional stability and financial security and, also, as an alternative to work because of the short career offered by gyms. The necessity of changes related to academic formation and professional performance in Physical Education was found, especially regarding the identity of each habilitation and its articulation with the fields of professional performance.

**Key Words:** Physical Education. Initial Professional Formation. Curriculum. Market. Oral Sources.

### Introdução

A questão da formação profissional se constitui em um tema de discussão contínua. No mercado de trabalho surgem, a todo momento, novas ocupações que exigem diferentes qualificações dos indivíduos ([NASCIMENTO](#), 2002). Na área da educação física o processo histórico de profissionalização buscou estabelecer espaço no mercado de trabalho para a intervenção profissional, realizada inicialmente, quase que com exclusividade, no âmbito escolar ([NASCIMENTO](#), 2002, [OLIVEIRA](#), 2000).

No âmbito desse processo, até a década de 1970, havia poucas oportunidades de ocupações no campo das atividades físicas e esportivas

([BARROS](#), 2006). As academias de ginástica e outros setores só tiveram um incremento no Brasil a partir dos anos 1980 ([OLIVEIRA](#), 2006). Com a evolução das necessidades da sociedade e do próprio conhecimento veiculado na área, o espaço de intervenção do profissional de educação física ampliou-se ([NASCIMENTO](#), 2002) e a mudança no perfil profissional culminou com a necessidade da criação do curso de bacharelado para atender demandas além da educação física escolar.

Desde então, a questão curricular tem sido discutida de forma recorrente. [Nascimento](#) (2002) destaca que em ambas as habilitações, bacharelado e licenciatura, o curso tem convivido

com uma diversidade de intervenções de formação, gerando contradições tanto de interpretação acerca das próprias habilitações como da formação de profissionais competentes que estarão atuando em diversos segmentos da área, do ensino formal da disciplina de educação física às áreas não-formais.

Não obstante, estudos demonstram que poucos graduandos da licenciatura pretendem seguir a profissão como professores. A maioria cursa a faculdade visando atuar em campos que não incluem a escola. Dentre as razões dessa tendência está o fato de o mercado de trabalho extra-escolar ser mais amplo e as possibilidades diversificadas (STEINHILBER, 1996). Ao encontro dessa afirmação, Yamamoto (2005) adverte que muitos profissionais que atuam na área não formal da educação física têm o título de licenciado. Mas, especialmente aqueles que atuam no âmbito do *fitness*, campo que exige muito do físico e da aparência, com o avanço da idade se voltam para a área escolar como meio de garantir um emprego e segurança financeira.

Diante do cenário em que se encontra a profissão educação física, nesta pesquisa de natureza qualitativa objetivou-se analisar, sob a ótica de profissionais de educação física que atuam em uma academia de ginástica de uma cidade do Interior do Estado de São Paulo, como avaliam sua formação acadêmica e, conseqüentemente, a atuação profissional. Buscou-se, ainda, identificar os aspectos que levaram os licenciados a atuarem na academia e não no ensino formal da educação física para o qual foram formados.

A discussão apresentada nas próximas páginas fundamentou-se na produção teórica referente às transformações ocorridas no âmbito da formação e da atuação profissional, abordando o mercado de trabalho em educação física, as habilitações do curso e as questões relacionadas ao currículo. Na seqüência da revisão da literatura apresentam-se os procedimentos metodológicos e a análise dos depoimentos coletados.

### **Mercado de Trabalho, Formação Profissional e Currículo**

#### ***O Mercado de Trabalho em Educação Física***

O mercado de trabalho em geral está sofrendo uma revolução. Apesar do desemprego crescente

na indústria, estão surgindo novas e diferentes ocupações que exigem do profissional qualificação tecnológica, atualização de conhecimentos, diversas aptidões e, principalmente, capacidade de adaptação, qualidade e rapidez no serviço prestado (NASCIMENTO, 2002).

Na área da educação física a profissionalização é vista inicialmente como um processo histórico que busca estabelecer espaço no mercado de trabalho para a intervenção do profissional da área (NASCIMENTO, 2002). Inicialmente, a área era responsável por oferecer profissionais a um mercado predeterminado: a escola. O profissional de educação física era considerado apenas como um professor, desempenhando suas funções quase que exclusivamente neste âmbito (NASCIMENTO, 2002, OLIVEIRA, 2000).

Barros (2006) salienta que até a década de 1970 havia poucas oportunidades de intervenção em campos além do escolar. Atualmente, a evolução das necessidades da sociedade e do próprio conhecimento veiculado na área (NASCIMENTO, 2002) têm propiciado aos profissionais de educação física atuarem fora da escola e em grau ascendente (OLIVEIRA, 2000).

Há uma proliferação de novas estruturas de prestação de serviços esportivos, especialmente as academias particulares. Com a diversificação de oportunidades de práticas esportivas oferecidas à comunidade em troca de pagamentos, estas estruturas esportivas são um novo mercado de trabalho e que proporcionam novos espaços de intervenção profissional (NASCIMENTO, 2002, p. 48).

Segundo Oliveira (2000), a atuação profissional em educação física atualmente passa por cinco grandes áreas: escolar (da creche ao ensino superior); saúde (hospitais, clínicas); lazer (clubes, hotéis, animação de festas); esporte (profissional e amador: clubes esportivos, empresas, prefeituras) e empresa (indústrias, academias, escolinhas de esportes). Como se verifica, o leque de atuação do profissional da área se ampliou significativamente. Para Barros (2006), dentre esses espaços, destaca-se a indústria do *fitness* que representa um segmento econômico cada dia mais representativo.

Oliveira (2000) afirma que atualmente grande parte dos egressos se dirige à iniciativa privada. Mas, ainda que o mercado de trabalho esteja em expansão, atualmente as escolas continuam

absorvendo mais profissionais de educação física. O autor apresenta as seguintes hipóteses para esta situação: os cursos de graduação não estão preparados para oferecer uma formação adequada aos novos anseios da sociedade; os profissionais de educação física não estão totalmente preparados para trabalhar de forma livre no mercado; o profissional se dirige à escola devido a sua formação que não é eficiente para o atendimento das novas exigências de mercado.

De acordo com [Nascimento](#) (2002), estudos apontam como principais tendências no mercado de trabalho em educação física a redução progressiva de postos de trabalho nos campos considerados mais tradicionais, como escolas e clubes, e o aumento crescente de postos de trabalho junto a outras instituições não tradicionais, como empresas, hospitais etc., no âmbito municipal e privado. Acredita-se que no futuro equilibrar-se-á o número de profissionais do campo educativo e dos campos municipal e privado.

Com o espaço de intervenção ampliado, o profissional de educação física passa a ser caracterizado como um profissional liberal, que sofre influências e influencia diretamente o mercado de trabalho, buscando assegurar o seu espaço, tanto no mercado formal como no informal, dentro de fortes pressões de concorrência e competição. Assim, o diagnóstico do mercado de trabalho indica profundas mudanças na área. Entende-se que a profissão e o profissional de educação física estão em plena fase de transformação de atuação e formação profissional ([OLIVEIRA](#), 2000).

### *Formação em Educação Física: Licenciatura e Bacharelado*

Dentre as inúmeras discussões relacionadas à formação profissional na área da educação física destacam-se aquelas relacionadas às habilitações do curso: a licenciatura e o bacharelado. Os debates situam-se tanto nas propostas de fragmentação do curso por habilitações como nos modelos curriculares desenvolvidos atualmente.

[Souza Neto](#) (1999) e [Souza Neto et al.](#) (2004) apontam que na criação do bacharelado, embora a justificativa fosse as novas demandas do mercado de trabalho, o que de fato estava em jogo era a introdução de um modelo curricular denominado “técnico-científico”, em busca da

superação do currículo centrado em conteúdos gímnico-desportivos. Pretendia-se, portanto, desenvolver um corpo de conhecimento teórico para a área, em “busca do reconhecimento da educação física na universidade também como um campo de conhecimento científico” ([SOUZA NETO et al.](#), 2004, p. 124-125). Na realidade, o mercado de trabalho se constituiu de fato numa preocupação que desencadeou o processo de discussão de novas propostas de formação, mas o seu encaminhamento privilegiou o *status* científico da área na universidade.

[Yamamoto](#) (2005) contextualiza que nessa ocasião surgiram outras questões quanto à formação profissional: bacharelado ou licenciatura, especialista ou generalista? Devido à dificuldade de um consenso acadêmico e político, a tríade: currículo, formação profissional e separação do curso em licenciatura e bacharelado tornou-se tema de discussões contínuas.

Faria Júnior (1987, 1992) citado por [Souza Neto](#) (1999) e [Souza Neto et al.](#) (2004) foi um dos pioneiros a questionar a divisão licenciatura-bacharelado, analisando do ponto de vista da profissão. O autor defende a formação do professor generalista, compreendido como o profissional formado sob uma perspectiva humanística, com licenciatura plena em educação física, podendo atuar tanto em sistemas educacionais formais como não formais. O especialista seria o bacharel, habilitado em um ramo particular da educação física, especializado dentro de um conceito pragmático e técnico de formação.

Já [Mariz de Oliveira](#) (1988) entende que, assim como qualquer outro curso de licenciatura, “o curso de licenciatura em educação física [...] tem como objetivo precípua a preparação de profissionais para a atuação em escolas de primeiro e segundo graus” (p. 227-228). Dessa forma, a preparação e atuação do licenciado deveriam voltar-se exclusivamente para a educação escolar, enquanto a preparação do bacharel deveria direcionar-se para as demais áreas.

[Costa](#) (1988) condena a separação simplista, realizada exclusivamente pelo campo profissional, entre o bacharelado e a licenciatura, onde o bacharel exerce atividades fora da escola, assumindo a função de *técnico*; e o licenciado na

escola, com a função de *ensino*. Existe diferença qualitativa entre as habilitações, mas ambas devem articular-se entre si.

Discorrendo sobre os problemas observados na formação e atuação do profissional de educação física, [Verenguer](#) (1997) recorre a Tojal (1989) para enfatizar que se torna difícil definir o que é ser professor de educação física, pois este vai atuar em vários campos só de que forma superficial, o que vai provocar perda em qualidade e especificidade, não conseguindo obter o reconhecimento nem de seus beneficiários. Logo, conclui-se que a formação generalista provoca problemas de reconhecimento e *status* profissional.

[Betti](#) (1992), ao discutir sobre o dilema especialista *versus* generalista (que na visão do autor confunde-se com bacharelado *versus* licenciatura) diz que não se deve associar o bacharel em educação física com o especialista e o licenciado com o generalista. Uma leitura que nunca é feita pelos críticos do bacharelado é a de que o licenciado é um especialista nas questões escolares, embora o autor concorde que infelizmente a licenciatura é “[...] um bacharelado revestido de tintura pedagógica de algumas poucas disciplinas” (p. 249). Equivocadamente, a licenciatura está carregada com disciplinas ligadas à prática da recreação, dança, esportes etc., com conteúdos superficiais em função dos limites da carga horária e sem priorizar o sistema educacional de ensino básico, utilizando-se das atividades físicas dentro dele. O foco está na possibilidade do aluno futuramente encontrar um emprego, motivo pelo qual a licenciatura em educação física tem fracassado, adverte o autor.

Segundo o Parecer CFE n° 215/87, a necessidade de criar o curso de bacharelado tinha como argumento atender a demanda do mercado de trabalho fora do âmbito escolar e conquistar a autonomia e a legitimação da profissão. Salienta Faria Junior (1997) citado por [Souza Neto](#) (1999) que os bacharéis foram estimulados a procurar seus próprios empregos como *personal trainer*, preparadores físicos, animadores de festa ou ter um negócio próprio; o mesmo ocorrendo com os licenciados, passando o emprego a ser uma questão de mercado, exigindo competitividade. Conclui [Souza Neto](#) (1999) que

[...] com a licenciatura, o que deveria ser uma área de especialização, com o passar dos anos,

acabou tornando-se uma área de formação generalista em relação ao ensino de Educação Física. [...] Quanto à discussão bacharelado-licenciatura, na realidade esses graus, na prática, significam licença para atuar no campo de trabalho reconhecido por um cartório relacionado à profissão, acreditando-se que o perfil profissional desejado foi atingido (p. 113-114).

Para [Souza Neto et al.](#) (2004), as discussões atuais não indicam a superação da dicotomia estabelecida entre bacharelado e licenciatura, mas apontam para a constituição do “campo” dos profissionais da educação básica, visando a sua própria identidade. No bojo desse processo ressalta-se que

A formação do professor tem uma especificidade própria que deve ser respeitada e não pode ser ignorada, assim como a formação para atuar em outras áreas da atividade física também possuem as suas particularidades ([SOUZA NETO et al.](#), 2004, p. 125).

### *O Currículo de Formação Inicial: Divergências*

Após a publicação do Parecer CFE n.º 215/87 e da Resolução CFE n.º 03/87 proliferaram-se cursos de licenciatura e bacharelado para suprir as necessidades emergentes do mercado extra-escolar. No sentido de atender aos interesses dos alunos e as peculiaridades regionais do mercado, as Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras implementaram diversos modelos de preparação profissional, aumentando assim as contradições existentes na formação profissional da área ([NASCIMENTO](#), 2002).

As discrepâncias estão relacionadas fundamentalmente à concepção adotada pela instituição sobre licenciatura e bacharelado. Algumas se baseiam mais na concepção clássica de que a licenciatura privilegia o desempenho de funções docentes em diferentes níveis de ensino, enquanto o bacharelado concentra-se mais no domínio de conhecimentos. Outras, ainda, se fundamentam na concepção do bacharelado como o desempenho de outras funções para além do ensino da disciplina de educação física no sistema escolar, adverte [Nascimento](#) (2002).

O autor indica, inclusive, planos de estudo que não procuram delimitar o campo de atuação, acentuando o perfil profissional generalista com atribuições profissionais amplas. A formação é a mais abrangente possível e apresenta o ideal de construir ou manter um perfil generalista ao profissional da área. A crítica é que essas

propostas têm formado profissionais despreparados tanto para atuarem na escola como fora dela.

Faria Júnior (1987, 1992) citado por [Souza Neto](#) (1999) e [Souza Neto et al.](#) (2004), declara que houve uma espécie de contra-senso no processo de criação do curso de bacharelado, sendo desconsideradas as experiências consolidadas e idealizado um sentido particular sobre o que seria a formação do bacharel, como se fosse um aprofundamento de conhecimentos. Essa interpretação influenciou muitos currículos que tinham como proposta o bacharelado e a licenciatura, pois acabavam propondo uma formação de “dois em um” (como uma espécie de *licenciatura ampliada*) e conferia ambos os títulos em formação concomitante, dentro da carga horária de 2.880 horas. Mantinha-se, portanto, basicamente a mesma estrutura anterior à Resolução CFE n.º 03/87.

Nesse contexto, [Oliveira](#) (2006) enfatiza que a diferenciação dos cursos que ofereciam as duas formações, com algumas exceções, consistia simplesmente em duas ou três disciplinas e alguns poucos locais de estágio, caracterizando as duas habilitações em um único curso. Esse fato acabou provocando críticas generalizadas em âmbito nacional e priorizou-se a formação do licenciado com amplas possibilidades de intervenção profissional.

Em função dos componentes históricos da própria área, o curso superior em educação física esteve sempre atrelado à licenciatura, à formação de professores. Na atualidade, este curso continua a ser estruturado na maioria das vezes como licenciatura. Com a diversidade do mercado de trabalho, a influência também recai na estrutura curricular dessa habilitação. Muitas vezes, as licenciaturas não passam de pseudos-bacharelado: não são cursos de bacharelado e tampouco se caracterizam como responsáveis pela formação do professor que irá atuar exclusivamente no ensino formal. Conclui-se que a preparação do profissional desta área tem convivido com uma diversidade de intervenções de formação no ensino superior que sugerem a ausência de um modelo único ou generalizado de estrutura curricular ([NASCIMENTO](#), 2002).

[Betti](#) (1992) destaca que:

Exatamente porque tanto o bacharel como o licenciado em Educação Física irão trabalhar com seres humanos, temos a privilegiada

oportunidade de conceber um sistema curricular integrado e coerente de formação profissional. A diferenciação bacharelado-licenciatura proporciona um adequado instrumental de operacionalização disso, desde que [...] não se deixe levar apenas pelo imediatismo do mercado de trabalho e pela tentação corporativista [...] (p. 250).

É também imprescindível que as universidades não partam de modelos pré-fabricados, diz [Betti](#) (1992), mas ajustem seus currículos ao contexto em que estão inseridas (características da clientela, disponibilidade docente e material, definição clara dos objetivos, considerando o mercado de trabalho).

Diante do exposto, entende-se de fundamental importância o conhecimento de como esses aspectos estão refletindo na prática profissional em educação física. Assim, no próximo tópico objetivou-se construir os significados que profissionais atuantes em uma academia de ginástica atribuem à relação formação acadêmica e atuação profissional.

## Métodos

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo descritiva, baseada em princípios como a valorização da “maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo” ([ANDRÉ](#), 1995, p. 17). Esta ocorreu na particularidade de uma Instituição (uma academia de ginástica), no tempo presente e com um grupo de profissionais licenciados e bacharéis em educação física. A escolha da academia, localizada em uma cidade do Interior do Estado de São Paulo, considerou, principalmente, o elevado número de licenciados atuantes: dos 24 profissionais, 16 eram licenciados e 8 bacharéis no período da investigação. Este quadro dá-se, em parte, pelo primeiro curso de bacharelado em educação física na cidade ter sido criado somente em 2002, numa instituição particular.

Para coleta de dados optou-se por fontes orais devido à sua capacidade em captar pontos de vista individuais e em absorver elementos como a subjetividade e o cotidiano das pessoas ([AMADO](#); [FERREIRA](#), 1996). A técnica aplicada foi a entrevista semi-estruturada que consiste na elaboração de um roteiro de questões para nortear a entrevista, mas que possibilita ao entrevistado abordar aspectos que julgar relevante sobre o assunto. Coletaram-se depoimentos de doze profissionais de educação

física<sup>1</sup> - seis licenciados e seis bacharéis, no ano de 2007. O roteiro das entrevistas abordou aspectos sobre a formação acadêmica e a atuação na academia de ginástica e o desejo em atuar na escola ou em outras áreas da profissão. Para identificação no presente artigo atribuiu-se aos entrevistados a letra L no caso dos licenciados (L1, L2 e assim sucessivamente) e a letra B para os bacharéis (B1, B2...).

Ressalta-se que os profissionais entrevistados foram formados pelo currículo estabelecido na Resolução CFE 03/87 (BRASIL, 1987), denominado currículo ampliado, com atribuições profissionais amplas e caracterizado por propor uma formação mais abrangente possível. Dessa forma, não há impedimento legal para os licenciados atuarem na academia de ginástica.

A seguir, apresenta-se a análise dos depoimentos coletados.

### Resultados e Discussão

Buscando relacionar a formação acadêmica e a atuação profissional na academia de ginástica, a análise dos depoimentos centrou-se nas expectativas dos sujeitos em termos de: formação profissional adequada para atuar na academia; motivos pelos quais escolheram esta área; e, concepções sobre a educação física escolar e a atuação em outros campos da profissão.

#### *Formação acadêmica e prática profissional na academia de ginástica*

Procurando discorrer sobre a relação entre formação acadêmica e o campo de atuação questionou-se aos entrevistados se o curso de graduação ofereceu os conhecimentos necessários para a prescrição e orientação de atividades na academia de ginástica; se o profissional sente falta de conteúdos que não foram oferecidos para atuar nesse campo; e, de que forma busca suprir as necessidades apontadas.

Para três professores licenciados o curso de graduação possibilitou a aquisição de conhecimentos para a orientação de atividades nessa área, como diz L2: “[...] a gente teve matérias, algumas voltadas para musculação, condicionamento físico e avaliação física, então acho que isso deu uma boa base para poder

montar a prescrição [...]”. Mas, os entrevistados apontam que faltaram algumas disciplinas como anatomia e treinamento físico. Para suprir essas deficiências de formação buscam informações em livros, fazem cursos extracurriculares e de pós-graduação: “[...] a gente tem que pesquisar, ver fora e nunca parar de pesquisar” (L4). Já a outra metade dos licenciados alegou que a formação inicial não foi eficiente: sentem falta de conteúdos como anatomia e fisiologia e consideram a licenciatura um curso muito direcionado para a área escolar. Para suprir as necessidades apontadas, assim como os demais entrevistados, realizam pesquisas em livros, internet, participam de cursos extracurriculares e de pós-graduação. Apontam também os estágios e a própria atuação como meio de adquirir os conhecimentos necessários para a prática profissional: “[...] muito importante a prática [...] não basta só estar lendo, só na teoria e a prática me ensinou muita coisa” (L5).

O objetivo da licenciatura é formar professores para atuarem na área da educação. No entanto, a maioria dos entrevistados a concebe como a habilitação que permite atuar em qualquer área da educação física e que propicia uma formação ampla, como se pode observar no relato de L4: “a licenciatura dá pra fazer tudo”. De fato, o currículo de formação desses profissionais possibilita ao licenciado uma atuação em áreas extra-escolares, mas evidencia-se que a busca pelo curso de licenciatura priorizou a possibilidade de intervenção ampla no mercado de trabalho; tem-se o exemplo com L6: “[...] a licenciatura plena podia atuar em qualquer área”.

Apesar dos cursos de licenciatura e bacharelado terem objetivos diferentes e características peculiares, encontrou-se similaridade entre os depoimentos dos licenciados com os depoimentos dos bacharéis, pois este grupo também se demonstrou dividido: três profissionais consideram que o curso foi eficiente, e destes, apenas um indicou que faltaram alguns conteúdos, que buscou suprir através de pesquisas na internet e da realização de estágios. Apontou-se, ainda, a necessidade de aperfeiçoamento constante, independentemente da qualidade da graduação, e para esse fim é importante a participação em cursos, palestras e workshops. Dentre aqueles que consideram que o curso não foi eficiente, os motivos consistem na falta de disciplinas específicas para atuação na

<sup>1</sup> Destaca-se que os entrevistados autorizaram a gravação, transcrição, análise e publicação de seus depoimentos, em contribuição à pesquisa.

academia, como conteúdos sobre musculação: “[musculação] foi muito básica [...] fui aprender mesmo na prática” (B5). A forma de adquirir este conhecimento foi através da participação em grupos de estudo, em pós-graduação, pesquisas na literatura e na internet, do próprio treinamento físico e da prática profissional.

Ao desenvolverem os currículos de licenciatura numa perspectiva de formação ampla para que possa suprir a demanda do mercado de trabalho (para além da educação física escolar), as IES contribuem para o aumento das contradições existentes na formação profissional na área da educação física. Nascimento (2002) adverte sobre a dificuldade em se formar profissionais qualificados para atuarem em todos os setores da área.

Dessa forma, a preparação e a intervenção profissional na área da educação física têm sido alvos de críticas e reflexões. Faz-se necessário repensar, também, formas tradicionais de ensino e aprendizagem em que o docente é o único responsável pela apresentação do conhecimento, assumindo o graduando um papel passivo. Da mesma forma, depois de formado, o profissional deve assumir uma atitude ativa em todas as fases da sua carreira, buscando sempre novos aprendizados (FREIRE et al., 2002).

Entende-se que na educação física haja muitas dificuldades ao se discutir formação acadêmica por tratar-se de uma área densa e muito abrangente. Mas, para além dos fatores responsáveis pelas deficiências que o curso pode apresentar, o reconhecimento de uma formação insuficiente confere ao profissional a responsabilidade de buscar constantemente os conhecimentos necessários à sua prática profissional. Para Nascimento (2002) o profissional tem o dever de atualizar-se permanentemente diante das mudanças tecnológicas, adaptando-se à evolução histórica. Trata-se de um compromisso pessoal de buscar sempre uma resposta melhor às necessidades do cliente e de se adaptar às novas demandas sociais, atentando-se aos progressos que possam contribuir para a profissão,

A efetividade da aprendizagem está, portanto, centrada na motivação e na capacidade do indivíduo de sempre aprender mais e mais. Neste sentido, incita também a emergência de uma atitude inovadora e de mudança (p. 39).

Nesse sentido, além da necessidade de atualização, o profissional deve criar uma cultura de formação continuada. A formação se inicia antes mesmo da graduação e continua durante todo exercício profissional, sendo fundamental para sua sobrevivência.

### *Atuação na academia de ginástica: licenciado ou bacharel?*

Qual profissional de educação física tem formação ideal para atuar na academia de ginástica: o licenciado, o bacharel ou ambos? A resposta predominante entre os licenciados (quatro professores) a esta questão foi que ambos profissionais, tanto licenciados como bacharéis, estão aptos a atuar na academia, devido à formação generalista dos cursos. Mas, os entrevistados destacam que é indispensável analisar cada curso em particular, pois a formação acadêmica (o conteúdo trabalhado) deve ser satisfatória para a atuação neste campo. Dois professores consideram que o bacharel tem uma formação mais adequada para atuação neste segmento, pois consideram o curso de licenciatura mais direcionado para a prática pedagógica e o vêem como um curso “básico”. Destaca-se L5 que observa que todos os bacharéis deveriam cursar a licenciatura para aprender a metodologia de ensino:

É importante você ter visão de licenciatura [...] de estar ensinando [...] às vezes na academia o bacharel não tem tanto esse ponto [...] a pessoa deveria fazer o bacharelado e a licenciatura, acho que [deveria] ter a visão dos dois”.

Já entre os bacharéis, a opinião predominante é que o bacharel é o profissional com formação mais adequada para atuar na academia, segundo quatro entrevistados. Dentre as justificativas tem-se que a licenciatura é muito pedagógica não qualificando o profissional para atuar nesse segmento, B2 relata: “[...] aqui na academia você não vai usar muito as atividades específicas da licenciatura”. Apontam que o licenciado somente estará apto se fizer uma especialização, pois não tem disciplinas específicas no seu curso relacionadas às atividades dessa área. Um dos entrevistados não soube definir a licenciatura, mas mesmo assim considera o bacharel, o profissional, mais adequado para este campo. Os outros dois bacharéis consideram ambos profissionais aptos: “A licenciatura o foco é mais pra área escolar, mas também dá embasamento para estar trabalhando na academia”, diz B4.

Constata-se que não houve consenso entre licenciados e bacharéis nesta questão: a maioria dos licenciados considera que ambas as formações são adequadas para atuar na academia de ginástica, mas entre os bacharéis a opinião predominante é a de que eles são os mais bem preparados.

Importante ressaltar que o profissional de educação física tem atuado em diversas áreas. As ações desempenhadas pelo profissional no mercado de trabalho são bastante amplas e muitas vezes manifestadas concomitantemente. Por isso, é imprescindível que o profissional domine ações de planejamento, execução e avaliação de programas de atividades físicas para diferentes clientelas, ambientes e objetivos ([NASCIMENTO](#), 2002). Não obstante, há também que se considerar a especificidade própria da formação do professor e da formação do profissional que irá atuar nos demais campos da educação física ([SOUZA NETO et al.](#), 2004).

### *Escolha do campo de atuação*

Objetivou-se identificar quais foram os motivos que despertaram o desejo dos profissionais em atuar na academia de ginástica. Dentre os licenciados, os depoimentos foram bastante variados, como por exemplo: o fato do estágio na área ter possibilitado a permanência na academia depois de formado: “Eu comecei a fazer um estágio em 2002 numa academia e aí foram surgindo as oportunidades lá dentro [...]” (L2). Outros aspectos apontados foram: escolheu este campo por um fator pessoal, para melhorar sua própria estética; por afinidade com a área; por consequência da experiência adquirida neste campo de atuação. Relatou-se ainda o fator positivo de se alcançar mais resultados com o desempenho dos alunos na academia, uma vez que estes se interessam mais pela prática, o que não ocorre na escola. Para L5:

A educação física ainda tem que mudar muito em escola [...] eles [os alunos] vão lá porque tem que ir, a educação física faz parte do currículo, é por questão obrigatória. E pra academia já não [...] as pessoas procuram por questão de saúde, questão de estética [...] eu escolhi [atuar na academia] porque eu vejo mais resultado.

Outra questão destacada foi a facilidade de ingresso neste segmento: “Eu acho que é uma área que tem bastante campo, onde pega muito estagiário, mas muita academia hoje em dia não fica com formado, só fica com estagiário devido a custo, depende de cada academia” (L6).

De fato, [Soeiro](#) (2006) identificou em sua pesquisa que a academia foi o local que ofereceu a maior oportunidade de emprego para os recém-formados (as vagas foram distribuídas de forma equilibrada entre bacharéis e licenciados), seguido do campo escolar. O mercado de trabalho é regido pela cultura vigente e atualmente a sociedade em geral valoriza a questão do corpo e da saúde, garantindo assim o acesso dos profissionais de educação física à atuação específica neste âmbito.

Para dois bacharéis entrevistados a afinidade pelo campo foi o fator determinante ao escolherem atuar na academia: “Seria mesmo pela afinidade que eu tenho pela área da natação” (B4); “Por gostar, sempre gostei, musculação assim, sempre achei legal” (B5). Registrou-se também o fato de facilidade de ingresso quando se trata do primeiro emprego. E dois profissionais alegaram que o fato de praticar atividades (treinamento físico) antes de ingressar no curso influenciou na escolha do campo de atuação, como relata B1: “[...] antes de entrar na faculdade já fazia academia há uns 4 anos, já gostava já, sempre tava no meio desse pessoal”. Sobre esse aspecto, Lassance (s.d.) citada por [Yamamoto](#) (2005) alerta que a habilidade específica não garante a capacidade de exercer a profissão e pode ainda causar um equívoco na escolha do curso.

O *status* de ser um professor de academia é expressivo, pode significar a ascensão no mercado de trabalho. No entanto, estudos apontam que a idade limita a vida útil do profissional nesta área. Profissionais acima de 35 anos têm dificuldade de permanecer atuante neste campo, exceto aqueles que assumem outras funções dentro da academia como a coordenação, torna-se sócio ou, ainda, se for um profissional extremamente competente ([YAMAMOTO](#), 2005).

### *Atuação no âmbito escolar formal e em demais campos da profissão*

Questionou-se sobre a intenção dos profissionais, licenciados e bacharéis, em ser professor de educação física escolar. Entende-se a determinação legal sobre o impedimento ao bacharel em atuar no setor educacional. No entanto, objetivou-se saber se esses profissionais almejam seguir carreira na escola e se estão buscando formar-se para atuar nesse âmbito, ou

seja, complementar o curso de bacharelado com a licenciatura, passando a ter dupla formação em educação física.

Dentre os licenciados, dois professores não gostariam de atuar na escola devido à falta de afinidade com o campo, por não ter experiência ou por não gostar de crianças. No entanto, com bom retorno financeiro ou pela garantia do salário ao final do mês e os benefícios do que julgam ser um emprego estável, aceitariam. Como exemplos, têm-se os discursos de L1 e L6:

[...] olha, na verdade se for ganhar bem que mal tem, né [risos]. Mas eu acho que eu não me adapto muito a escola [...] eu ia ser aquela professora que joga a bola e fica olhando [...] ia ser bem uma professora relapsa [...] (L1).

Até faria se fosse para fazer outra coisa, por exemplo, você presta um concurso, tem um pouquinho de hora, entendeu, pra garantir o seu salário, mas estar direcionado à academia [...]. [a escola] só como complementar sua carga horária e [...] ter uma segurança e certeza de que naquele mês você estará recebendo (L6).

Os demais professores entrevistados (quatro) gostariam de atuar na escola para conscientizar as crianças e os adolescentes sobre a importância da educação física para a promoção da saúde:

Apesar de hoje em dia os alunos não respeitarem muito os professores, não darem muito valor à educação física, eu acho que é fundamental o desenvolvimento da pessoa, porque eu vejo que na academia falta muito isso, essa base na escola para a pessoa poder fazer aula de ginástica ou mesmo uma hidro, musculação. [O aluno] vem sem nenhuma informação, sem nenhuma base (L2).

Outros fatores associados ao desejo de atuar na escola são: afinidade com a área; como uma alternativa de trabalho à academia (devido ao desgaste físico que a atividade neste setor causa ao profissional); pelo fato da academia oferecer uma carreira muito curta e, principalmente, por considerarem a escola um posto de trabalho estável, seguro, promissor e que oferece benefícios, como diz L5: “Eu acho que todas as pessoas procuram mais às vezes isso, um concurso público, nesse sentido de escola, por questão de segurança [...]”.

Bacharéis também revelaram a intenção em atuar no âmbito escolar, conforme depoimentos de três profissionais. Dentre as razões, está a exigência que a área da academia exerce acerca do condicionamento físico e por apresentar-se como uma carreira curta: profissionais com mais

idade tem dificuldade em permanecer neste segmento, como relata B4: “Enquanto a gente é novo dá pra ta atuando na academia, mas com uma certa idade [...] é complicado”. A escola representa segurança e tranquilidade, especialmente quando se trata de ingresso por meio de concurso público, aponta B2:

[...] na parte escolar, podia prestar um concurso público [...] e ter uma garantia de emprego. É mais seguro. Na academia é uma carreira mais curta, a menos que você consiga ganhar um cargo de coordenador, até então é mais curta.

Por gostar de esportes e por desejar contribuir positivamente na vida esportiva dos alunos foram outros aspectos destacados. B3 pretende “[...] contribuir para essas crianças que estão crescendo, contribuir de uma maneira positiva da vida esportiva, nesse campo deles”. E, ainda, por buscar contribuir para a mudança do conceito de que professor de educação física não trabalha, não se compromete. Estes profissionais relataram que estão buscando complementar sua formação com a licenciatura. A outra metade, outros três profissionais, não visa atuar na escola pela falta de afinidade com a área.

[Oliveira](#) (2006) ressalta que, embora a educação física seja um Componente Curricular Obrigatório na escola desde a nova LDBEN 9.394/96 e não mais uma atividade, ainda existe um distanciamento de uma mudança na prática efetiva das aulas e no imaginário social sobre a profissão e sobre o professor de educação física.

Infelizmente, esta também parecer ser a visão de alguns destes profissionais sobre a licenciatura. Não demonstram preocupação com a especificidade do professor e consideram a escola um setor “fácil” de atuar e que podem ingressar a qualquer momento, independentemente de sua preparação profissional para educar indivíduos. Surge, assim, a preocupação em termos do compromisso que esses professores terão ou não com o processo educativo e com a própria profissão se vierem a atuar na área escolar. Constata-se, de acordo com [Oliveira](#) (2006), que se faz necessário, ainda, muitos trabalhos diferenciados e de muito tempo para demonstrar a importância da educação física no setor educacional.

[Nascimento](#) (2002) ao analisar o âmbito educativo, afirma que este representa, quase que com exclusividade, a oferta profissional aos licenciados. Como se pode observar nos relatos,

a opinião dos profissionais que almejam atuar na escola, tanto licenciados como bacharéis, vai ao encontro do que o autor coloca a respeito do campo escolar, especialmente sobre o setor público:

O ensino público, em todos os seus níveis e etapas, tem sido a saída profissional mais procurada e talvez a mais desejada, por apresentar contrato de trabalho por tempo determinado e dedicação a tempo completo (p. 51).

No setor público as condições de trabalho dos licenciados são comparativamente mais vantajosas do que no setor privado, pois este último parece oferecer-lhes apenas ocupações do mercado secundário de trabalho, complementa o autor.

A preocupação dos profissionais com a carreira curta que a academia de ginástica apresenta é legítima, como aponta Teves (2002) citado por [Yamamoto](#) (2005): o professor, atuando nas escolas, é registrado e consegue mais “tempo de vida” profissional enquanto o graduado retém diversos campos a serem explorados, porém sem segurança financeira. O campo da academia de ginástica para o graduado é curto, pois exige muito do físico e da aparência. Conclui [Yamamoto](#) (2005) que para evitar que fique sem emprego por ocasião da idade “avançada” o profissional se volta para a educação física escolar para garantir um emprego e conseqüentemente, segurança financeira.

Com relação ao desejo dos profissionais em atuar em outros campos de atuação, destacou-se o interesse em atuar como *personal trainer*, com nutrição esportiva e em clínica. Neste último caso, o objetivo é tornar-se um profissional com amplo conhecimento da área: “Eu acho que o profissional tem que ta aberto a tudo, acho que não se concentrar só num ponto, [deve] ter uma visão global de tudo” (L5). Dois professores não pretendem diversificar sua atuação profissional para além da academia de ginástica.

Dentre os bacharéis, um profissional apontou a intenção de atuar no segmento de treinamento esportivo futuramente. Um dos profissionais não tem por finalidade mudar de área. Dois destacaram que seu objetivo é seguir carreira acadêmica, apontando que a “vida útil” na academia de ginástica é muito curta (mais uma vez este aspecto é enfatizado) e por se

identificarem com a figura do professor universitário: “Vou começar mestrado ano que vem [...] porque a vida na academia é curta, a vida útil é curta” (B6).

Para [Souza Neto](#) (1999), embora a profissão tenha evoluído ao longo dos anos, observa-se que na proposta que culminou na Resolução CFE n.º 03/87 ainda é difícil caracterizar o bacharel que atua em áreas extra-escolares porque muitos acabam identificando nele a figura do professor, e o bacharel ainda sofre a concorrência do licenciado nos seus segmentos de atuação. Citando Faria Junior (1997) salienta que os bacharéis foram estimulados a procurar seus próprios empregos (como *personal trainer*, preparadores físicos...), mas o mesmo ocorreu com os licenciados. Dessa forma, o emprego passou a ser uma questão de mercado, exigindo competitividade.

Este fato pode facilmente ser observado nos relatos dos licenciados sobre o interesse em ingressar em campos que estão vinculados a atuação do bacharel. Questiona-se se esses profissionais estão qualificados para desenvolverem atividades com competência nestes campos, ou seja, se receberam a formação adequada para atuação nestes segmentos.

### Considerações Finais

Embora tenham ocorrido mudanças na profissão de educação física frente à divisão do curso nas habilitações de licenciatura e bacharelado, Pessoa Filho (1994) citado por [Souza Neto](#) (1999) declara que em termos profissionais, a atuação na área continua a desejar, permanecendo a mesma do antigo currículo: os profissionais não estão diferenciando, ou não estão se importando com os limites de atuação definidos para cada curso.

Conforme a análise dos dados identificou-se que parte dos profissionais, tanto licenciados como bacharéis, desconsideram a formação específica para a intervenção profissional. Reafirma-se, desse modo, a importância das discussões que vêm ocorrendo no meio acadêmico sobre a divisão licenciatura-bacharelado, formação generalista-especialista, pois esses entraves permeiam entre os profissionais que demonstram não se importar com a questão da titulação para atuação no âmbito extra-escolar.

Revelou-se que metade dos entrevistados considera sua formação inicial inadequada para atuação na academia de ginástica. Inclusive aqueles que a avaliam como adequada, indicaram aspectos negativos do curso. Observa-se que não houve distinção entre as habilitações cursadas, pois bacharéis e licenciados concebem sua formação como insuficiente para atuar neste segmento, revelando que os cursos não estão bem definidos quanto aos seus objetivos e características.

O profissional de educação física tem como responsabilidade a prestação de serviços à sociedade. Nascimento (2002) aponta o consenso entre os investigadores da área para a necessidade urgente de sincronização entre a demanda do mercado de trabalho e as instituições de formação dos diferentes titulados nos planos qualitativo e quantitativo.

De acordo com os relatos, os licenciados estão atuando na academia de ginástica devido a fatores como afinidade com o campo e facilidade de ingresso neste segmento, especialmente quando se trata do primeiro emprego. Acontece que a maioria não pretendia atuar na escola desde o início do curso. Os resultados evidenciaram, portanto, que houve um equívoco para esses professores ao escolherem o curso de licenciatura.

Ao tratar dos objetivos da licenciatura, alguns profissionais entrevistados atribuem como principal característica (senão a única) o fato de ser uma área que oferece mais estabilidade profissional e segurança financeira. Para eles, trata-se de um refúgio quando não se consegue emprego nos demais segmentos da área. Desconsideram por completo a especificidade e a importância do professor e do processo educacional. Entretanto, a maioria dos licenciados e a metade dos bacharéis entrevistados pretendem seguir carreira docente, no ensino básico. Contudo, nenhum deles revela preocupação com a profissão no âmbito educativo ou mesmo com a própria formação dos indivíduos. Buscam, na realidade, uma alternativa de trabalho, uma nova ocupação, por considerarem a carreira na academia muito curta e, principalmente, pelos motivos já citados: segurança e estabilidade profissional.

Oliveira (2000) ressalta que a educação física escolar passa por momentos muito delicados. O

despreparo dos profissionais e a forma repetitiva como se apresentam os conteúdos trabalhados desmerecem a atividade e o profissional que atua com a mesma. Entende-se que o compromisso com a educação física escolar deve partir dos professores que na escola atuam, para que seu espaço no sistema educacional seja garantido e utilizado de forma consciente na busca da construção da qualidade de ensino e de uma escola comprometida com a formação para a cidadania.

Para Nascimento (2002) visualiza-se, no futuro, o profissional de educação física como um empreendedor, um profissional liberal, assumindo um novo papel na sociedade, deixando a posição cômoda e estável de assalariado, seja da administração pública ou privada. Mas, alguns dos relatos aqui apresentados permitem refletir que o almejado pela maioria dos entrevistados opõe-se à perspectiva apontada pelo autor, pois pretendem ingressar na escola, especialmente na esfera pública, justamente para atingir estabilidade e controle financeiro. Este fator é extremamente preocupante, pois pode comprometer substancialmente a qualidade do ensino.

Mas, felizmente, Nascimento (2002) enfatiza que no futuro haverá no âmbito educativo uma maior competição para assegurar o espaço na escola, exigindo o empenho constante do professor em seu aprimoramento pessoal e a busca de melhor qualidade do serviço prestado. Concordando com Oliveira (2006), a escola não pode ser tratada apenas como um local complementar a um exercício profissional, como a concebem alguns dos entrevistados. A escola merece mais atenção daqueles que a integram, dirigentes, professores, funcionários e alunos, assim como mais respeito de toda a sociedade.

A análise dos dados apresentada, coletados na particularidade da área de atuação da academia de ginástica, possibilitou ponderar que os profissionais não têm clara a especificidade da formação acadêmica para a intervenção profissional neste âmbito. Esperava-se que mudanças relacionadas à formação acadêmica e atuação profissional na área se concretizassem, especialmente, no que se refere à identidade de cada habilitação do curso e sua articulação com os campos de atuação, contribuindo para a valorização profissional e social. Entretanto, entendeu-se que esse processo é moroso, mas

com perspectivas futuras no fortalecimento da própria área.

## Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- BARROS, J. M. C. Profissão, regulamentação profissional e campo de trabalho. In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D (Org). **Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, 2006. p. 245-250.
- BETTI, M. Perspectivas na formação profissional. In: MOREIRA, W. W. (Org.) **Educação física e esportes, perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1992. cap. 2, p. 239-254.
- BRASIL. Conselho Federal de Educação. Resolução n.º 3, de 16 de junho de 1987. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 172, 1987.
- COSTA, V. L. M. A formação universitária do profissional de educação física. In: PASSOS, S. C. E. (Org.) **Educação física e esporte na universidade**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desportos, 1988. p. 207-224.
- FREIRE, E. S. et al. Educação física: pensando a profissão e a preparação profissional. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 39-46, 2002.
- MARIZ DE OLIVEIRA, J. G. Preparação profissional em educação física. In: PASSOS, S. C. E. (Org.) **Educação física e esporte na universidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desportos, 1988. p. 225-246.
- NASCIMENTO, J. V. **Formação profissional em educação física: contextos de desenvolvimento curricular**. Montes Claros: Unimontes, 2002.
- OLIVEIRA, A. A. B. Mercado de trabalho em educação física e a formação profissional: breves reflexões. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Brasília, v. 8, n. 4, p. 45-50, set. 2000.
- OLIVEIRA, A. A. B. A formação profissional em educação física: legislação, limites e possibilidades. In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Org.) **Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, 2006. p. 17-32.
- SOEIRO, M. I. P. Educação física, profissão e mercado. In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Org.) **Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, 2006. p. 257-264.
- SOUZA NETO, S. Da universidade brasileira aos cursos de graduação em educação física. In: \_\_\_\_\_. **A educação física na universidade: licenciatura e bacharelado: as propostas de formação e suas implicações teórico-práticas**. 1999. 350 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. cap. 2, p. 34-143.
- SOUZA NETO, S. et al. A formação do profissional de educação física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, SP, v. 25, n. 2, p. 113-128, jan., 2004.
- STEINHILBER, J. **Profissional de educação física existe? Porque regulamentar a profissão!!!** Rio de Janeiro: Sprint, 1996.
- VERENGUER, R. C. G. Dimensões profissionais e acadêmicas da educação física no Brasil: uma síntese das discussões. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 164-175, jul-dez., 1997.
- YAMAMOTO, D. **A formação acadêmica e a profissão educação física sob a ótica de universitários da UNESP Rio Claro**. 2005. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2005.

Esse artigo foi apresentado no IV Seminário de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física- NEPEF, realizado na UNESP/Bauru de 20 a 23 de novembro de 2008.

**Fernanda Rossi** - Bolsista do CNPq

Endereço:

Fernanda Rossi  
R. Gilberto Barreto Finazzi, 4-60  
Bauru SP Brasil  
17054-679  
Fone: (14) 3236-1222 (14) 8137-1390  
e-mail: [fernandarossi\\_ef@hotmail.com](mailto:fernandarossi_ef@hotmail.com)  
[dag@fc.unesp.br](mailto:dag@fc.unesp.br)

Recebido em: 30 de setembro de 2008.

Aceito em: 1 de novembro de 2008.



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)